



Espiritismo e pandemia do COVID-19: alguns achados

Pandemic of COVID-19 and Spiritism: some findings

José Pedro Simões Neto*

Resumo: O artigo aborda a forma como os espíritas kardecistas têm enfrentado as dificuldades provenientes da pandemia da COVID-19. Para isso, foi realizada uma comparação entre espíritas e não espíritas (especialmente católicos e evangélicos) durante o segundo semestre de 2020, abarcando 157 respondentes. Os não espíritas serviram como grupo controle. Dessa forma, nas análises estatísticas (descritivas e inferências) foram utilizados apenas os dois grupos, sem que houvesse um desdobramento do segundo. A ferramenta de formulários digitais Google Forms foi utilizada para aplicação dos questionários. Entre as principais conclusões estão: os espíritas têm passado pela pandemia com mais apoio religioso, realizando mais atividades de solidariedade social e sentindo-se compartilhando com o Criador as dificuldades enfrentadas.

Palavras-chave: Pandemia, COVID-19. Espiritismo. Religião. Ciência da religião.

Abstract: The paper focuses on how Kardecist Spiritists have faced the difficulties of the Covid-19 pandemic. For this, a comparison had realized between spiritists and no-spiritists (primarily catholic and gospel) during the second semester of 2020, involving 157 responders. The no-spiritists served as the control group. Thus, the statistical analyses (descriptive and inferential) were used only in the two groups, with no split in the second. The google-form was used to apply the questionnaires. Among the main conclusions are that the spiritists have faced the pandemic with more religious support, doing more social solidarity activities, and feeling themselves sharing with the Creator the difficulties they faced.

Keywords: Pandemic, COVID-19, Spiritism, Religion, Study of religion.

Introdução

Entre o fim do ano de 2019 e o início de 2020, o mundo começava a ter conhecimento de um novo vírus, o SARS-CoV-2, causador da Corona Vírus Disease – 2019 ou (COVID-19), tendo a cidade de Wuhan, na província de Hubei, na China como epicentro do vírus. Nessa época já circulavam notícias sobre o novo coronavírus, até que, em 30 de janeiro de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou que se tratava de uma epidemia, colocando todo o mundo em alerta. Segundo o Ministério da Saúde do Brasil (2020), a COVID-19 é uma doença que apresenta um quadro de uma Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS), derivando em infecções assintomáticas e até em quadros respiratórios graves que podem levar ao óbito. De acordo com o

* Professor Titular da UFRJ (Rio de Janeiro-RJ). Doutor em Sociologia (IUPERJ, Rio de Janeiro-RJ). ORCID: 0000-0001-6322-2389 – contato: josepeneto@gmail.com

Painel Coronavírus, do Ministério da Saúde, no Brasil, até 25 de maio de 2021, havia 14.552.024 casos confirmados e quase 450 mil óbitos.

Até a descoberta de um tratamento eficaz comprovado para a COVID-9 (a vacinação, de caráter preventivo), o Brasil e o mundo empregaram medidas de isolamento e distanciamento social. Com isso, governos de vários países executaram o início do que muitos chamam de quarentena, suspendendo atividades coletivas e escolares, circulação de algumas linhas de ônibus, fechamento de shoppings e bares, entre outras práticas que promoviam a aglomeração de pessoas. Assim, a população teve que permanecer em isolamento domiciliar, saindo de casa só para realizar o que era extremamente necessário.

As consequências da COVID-19 vão muito além de questões de saúde física, ainda que sejam elas as que recebem maior atenção no momento. Contudo, deve-se pensar nos impactos psicológicos, que podem ser tão grandes quanto os físicos. Schimidt et al. (2020) afirmam que o medo de ser infectado pelo vírus provoca na população em geral sintomas de depressão, ansiedade e estresse, podendo levar também a casos de suicídio associados ao impacto psicológico do Coronavírus. O fato é que a população do mundo inteiro está em alerta, vivenciando diversos sentimentos ao mesmo tempo, como o medo, a solidão, insegurança e incertezas. A maior das preocupações pode ser a de que ninguém está isento de ser contagiado e a única medida de prevenção eficaz, até o momento de surgimento da vacina, era o isolamento social. Em alguns países a vacinação já está avançada, diminuindo o efeito social e psicológico que a epidemia provocou, o que ocorreu mais tardiamente no Brasil. Assim, pergunta-se: o que esse afastamento pode provocar? Difícil definir, neste momento, quais as sequelas físicas, sociais, psicológicas e econômicas a pandemia irá deixar. O que podemos afirmar é que, mais do que nunca, a população brasileira carece de atenção psicológica e incentivo de suas redes de apoio, pois o que nos torna mais fortes são os laços que criamos e as ligações que fazemos com o outro durante nossas vidas.

Em nosso país, a população tende a recorrer às religiões em geral e às cristãs, em particular, quando estão diante de sofrimentos existenciais, como a perda de parentes e pessoas queridas, doenças graves e outras contingências, ou ainda, quando estão diante de enganos ou erros que acreditam ter cometido ante a moral religiosa. Dentre outros, as religiões fornecem dois recursos relevantes para que a população crente atravesse as dificuldades por ela vivenciadas, que podem ser extensivas a esta pandemia: de um lado, elas trazem o sentido de igreja; do outro, fornecem um conjunto de crenças (Durkheim, 1996) que disponibilizam aos indivíduos uma série de certezas e de apoio espiritual.

Dentre as religiões cristãs, este artigo localiza, particularmente, os adeptos do espiritismo kardecista. Embora sendo considerada pela literatura sociológica como uma religião mediúnica (Camargo, 1961; Giumbelli, 1997; Souza, 2020) e não cristã (pela ausência de uma ligação com a história do cristianismo propriamente dita, como aquela identificada entre católicos e protestantes evangélicos), o espiritismo kardecista faz uma releitura dos ensinamentos cristãos à luz de conceitos como a reencarnação e a mediunidade. De fato, o livro *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (1999) é uma das cinco obras que perfazem a codificação kardequiana, demonstrando, assim, a relevância dos ensinamentos cristãos para este grupo religioso.

O kardecismo é uma religião minoritária dentro de cenário religioso brasileiro, abrangendo, em 2000, 1,3% da população (2,3 milhões de pessoas) e, em 2010, 2,0% da população, ou 3,8 milhões de brasileiros, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Villaça (1997) defende a importância do estudo dos grupos minoritários que compõem o espectro da diversidade religiosa brasileira (Camurça, 2006) [no caso da autora, de Portugal], mas que terminam ficando a reboque da discussão sobre as religiões majoritárias. No Brasil, o debate hegemônico nas ciências da religião versa tanto sobre o declínio do catolicismo quanto a ascensão dos grupos evangélicos e a participação destes últimos na vida pública (Pierucci e Mariano, 2010).

O que diferencia o espiritismo das demais teologias cristãs não respeita somente a um conjunto de categorias particulares – o que poderia ser também caracterizado entre as diversas igrejas evangélicas. Desde seu surgimento, o kardecismo é tido como uma religião e concilia a relação entre ciência, filosofia e religião, constituindo estes o seu triplo aspecto (Simões, 2015 e Souza, Simões e Arribas, 2020). Portanto, as referências (crenças) que esse corpo doutrinário disponibiliza para seus adeptos não é de cunho estritamente religioso, como nas demais tradições cristãs.

Considerando o exposto, o objetivo do presente estudo é avaliar como o espiritismo vem contribuindo para que seus adeptos consigam enfrentar este momento de pandemia, tendo como base as suas crenças particulares.

Metodologia

Para a realização da pesquisa, foi distribuído um questionário pela internet, via ferramenta de formulários digitais Google forms, entre os dias 25 de agosto e 18 de setembro de 2020, para uma rede de espíritas, católicos e evangélicos de filiações distintas. Os católicos e os evangélicos, por ter um fundamento de crença cristão, serviram de grupo-controle para o dimensionamento do efeito da pandemia sobre os espíritas. O propósito foi comparar os adeptos do espiritismo com aqueles pertencentes a outras religiões, ou seja, ter um grupo controle para avaliação e dimensionamento das respostas ao enfrentamento e vivência da pandemia do COVID-19.

O questionário foi composto, inicialmente, por variáveis de identificação (não nominal) dos respondentes, como idade, sexo e escolaridade. Este bloco contém variáveis independentes que serviram de base explicativa para as demais. Um segundo conjunto de questões se referiam à participação e às crenças religiosas dos respondentes (antes da pandemia), tais como: se acredita em Deus; qual a sua religião; se houve trânsito religioso; quantas vezes comparecia à igreja ou ao templo por mês; quanto tempo dedica a atividades religiosas privativas, como oração, meditação ou estudo de livros sagrados; e qual sua forma de participação (trabalha ou ajuda nas atividades da instituição ou só participa das sessões), entre outras.

Em seguida, investigou-se o caráter consolador da religião. Como o espiritismo é a base da investigação, a referência para o significado de consolação virá do conjunto doutrinário desta religião. No livro *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (1999), no seu capítulo 6, com o título *O Consolador Prometido*, encontramos a seguinte passagem:

[...] todos os sofrimentos [...] encontram consolação em a fé no futuro, em a confiança na justiça de Deus, que o Cristo veio ensinar aos homens. Sobre aquele que, ao contrário, nada espera após esta vida, ou que simplesmente duvida, as aflições caem com todo o seu peso e nenhuma esperança lhe mitiga o amargor” (Kardec, 1999, p. 127).

Essas condições só trariam, de fato, a “felicidade que [Jesus] promete aos aflitos” se o seguidor da doutrina seguir o que está “na lei por ele ensinada” (p. 127). Assim, três condições são pré-requisitos para a consolação: que a pessoa tenha fé na vida após a morte, na justiça de Deus e no cumprimento dos preceitos morais cristãos. Esses três elementos foram transformados em questões, sendo as mesmas submetidas aos respondentes. Além disso, foi inserida uma questão aberta para que o pesquisado identificasse o que, em sua religião, o consola durante a pandemia, caso a religião, de fato, assumisse um sentido consolador.

Na sequência, foram apresentadas afirmativas para concordância em que, ora, creditava-se a Deus a solução dos problemas da pandemia, ora atribuía-se ao indivíduo autonomia ante os fatos; ou, ainda, apresentava-se uma alternativa de conciliação entre ação divina e ação humana. As frases serão adaptadas do questionário RCOPE apresentado por Panzini (2004).

Por fim, foram colocadas questões de integração comunitária adaptadas da Escala de Atitude Religiosa apresentada por Panzini (2004). Nela, constam questões como: *participo de debates sobre os assuntos que dizem respeito à religião*, sendo as respostas baseadas em uma escala Likert de 5 pontos variando entre *muitíssimo* e *nem um pouco*. Essa pergunta no questionário foi alterada para *Durante a pandemia, participo de debates...* Outras perguntas que constam na escala são: *Participo das orações coletivas de minha religião; assisto programas de TV ou rádio que tratam sobre assuntos religiosos*; estas e outras questões serão adaptadas para constarem no questionário.

Os questionários foram enviados por e-mail e pelas redes sociais para integrantes das três religiões cristãs (católicos, evangélicos e espíritas), completando o total de 157 respostas. Considera-se que integrantes de outras religiões (ou mesmo aqueles que não tenham religião) possam responder ao questionário, embora esse não seja o objetivo primeiro da pesquisa.

Todos os dados foram analisados a partir de estatísticas descritivas e inferenciais, buscando-se identificar padrões de comportamento observáveis empiricamente e, principalmente, testar, a partir de testes estatísticos as hipóteses aqui apresentadas. Em alguns dos itens, foram utilizados recursos metodológicos já adotados em pesquisas anteriores por outros pesquisadores.

Questões foram retiradas da Escala de Atitude Religiosa de Fraga, França e Aquino (2002) e da Escala de RCOPE (Cope Religioso) traduzida por especialistas, conforme apresentado no trabalho de Panzini (2004). A utilização desse recurso foi importante para que incluíssemos *statements*, isto é, sentenças já testadas em outros estudos indicando tanto formas de captação do fenômeno religioso, quanto a própria posição do entrevistado com suas crenças religiosas.

Das 157 pessoas pesquisadas, 96 (61%) eram espíritas; 25 (16%) católicas; 24 evangélicas (15%); 9 espiritualistas (6%); 3 pertencentes a outras (2%). Entre os evangélicos, foram identificados membros pertencentes as seguintes igrejas: Adventista do Sétimo

Dia, Assembleia de Deus, Batista, Metodista, Presbiteriana, Universal do Reino de Deus Luterana, Sara Nossa Terra e sem identificação. Entre os outros estão uma testemunha de Jeová e dois membros de igrejas de origem afro-brasileiras (umbanda e candomblé).

No item a seguir, são apresentadas as características gerais dos respondentes, tendo como referência a comparação entre espíritas e não espíritas.

Caracterização geral

Para caracterização geral dos entrevistados, foram realizadas algumas perguntas como sexo, idade, e nível educacional. Na identificação dos dois grupos¹ há algumas semelhanças e algumas diferenças. O importante a considerar nessa descrição é que não se buscou reproduzir as características dos espíritas, tal como são identificadas na população em geral. Assim, as especificações são pertinentes para identificação da população estudada. Se é certo que ela, sendo parte da população, contém características gerais que podem ser observadas também em âmbito mais ampliado, isso não significa, entretanto, que os dados abaixo sejam uma expressão fidedigna do que são os espíritas e os não espíritas.

Assim, o primeiro ponto a observar, entre as igualdades, é que há uma maioria feminina em ambos os grupos (58% de mulheres, independente do grupo; Teste do Qui-quadrado: Sig. 0,435), ocorrendo em todos os grupos religiosos (católicos, evangélicos e espiritualistas). Dados do Datafolha de 13 de janeiro de 2020 indicam que católicos e evangélicos têm uma maioria feminina (51% dos católicos e 58% dos evangélicos)². Assim, também Farias et. al. (2017) observou que, a partir da faixa de entre 15 e 19 anos, há uma predominância feminina no espiritismo, com uma razão de sexo de 89 homens para cada 100 mulheres, chegando a 57 para aqueles com 70 anos ou mais.

O segundo ponto refere-se ao nível educacional. Há um predomínio daqueles que têm nível superior (86% com nível superior, independente do grupo; Teste do Qui-quadrado: Sig. 0,572), sendo que, em ambos os grupos, praticamente metade dos participantes da pesquisa obteve algum título de pós-graduação. Portanto, trata-se de um grupo pesquisado bastante qualificado educacionalmente, em clara distinção com o perfil desses religiosos na população. Entre os evangélicos, segundo os dados do Datafolha (2020), somente 15% possuem curso superior, enquanto 20% dos católicos têm este nível escolar. Para os espíritas, os dados de Farias et. al. (2017) mostram que 27% dos adeptos dessa religião concluíram um curso superior, percentual bem abaixo dos 86% observados nesta pesquisa.

Por outro lado, a partir dessa descrição inicial, duas características distinguem os grupos: a idade e o estado civil. Essas duas variáveis encontram-se correlacionadas para os dados gerais ($r=0,429$; Sig. 0,000), indicando que, quanto maior a idade, mais chance de o pesquisado estar, progressivamente, casado, divorciado e viúvo. Assim, ao

1 Os testes aplicados foram: Teste Exato de Fisher; Teste T para amostras independentes e Qui-Quadrado.

2 Dados retirados da reportagem: Cara típica do evangélico brasileiro é feminina e negra, aponta Datafolha, de 13 de janeiro de 2020.

identificar que a média etária dos espíritas é mais de 10 anos maior do que a dos não espíritas (54 anos contra 42 anos, respectivamente)³, pode-se inferir que, no primeiro grupo, há menos solteiros que no segundo. E é isso que se observa. Enquanto entre os não espíritas há mais solteiros (23% contra 13% dos espíritas), entre os espíritas há mais separados/divorciados (14% contra 5%)⁴. No entanto, o percentual de casados é praticamente igual (68% entre os espíritas contra 72% entre os não espíritas).

Foi, então, importante observar se algum dos resultados específicos sobre a importância da religião para o enfrentamento da pandemia do COVID-19 é afetado por estas duas variáveis que se distinguem entre os grupos. Assim, mesmo que os grupos pesquisados não guardem as mesmas características da população pesquisada, eles têm bastante similaridade entre si, permitindo uma comparação em igualdade de condições para a maioria das variáveis independentes estudadas.

Nesse sentido, mesmo que na população os espíritas tenham diferenças significativas de escolaridade em relação a católicos e evangélicos, tal como demonstra o trabalho de Farias et. al. (2017), nesta pesquisa essa variável foi controlada. No que tange à idade, todos os resultados foram verificados se variam conforme a idade dos participantes e somente foram apresentados os casos em que este elemento foi relevante para o estudo. De todo modo, buscou-se, por meio de procedimentos estatísticos, controlar o efeito desta variável sobre os resultados finais.

Participação e identidade religiosa

Com esse se iniciou a pesquisa buscando identificar qual a identidade religiosa e participativa (religiosa) dos pesquisados antes da pandemia. Inicialmente, pesquisou-se sobre a crença em Deus ou em um ser superior. Os pesquisados, afinal, são deístas – eles acreditam em um Deus? A resposta afirmativa foi quase unânime entre os respondentes. Em apenas dois casos, a resposta foi talvez. Nesses casos, os respondentes se identificaram como espiritualistas. Portanto, essa crença está presente no imaginário dos respondentes independente do sexo, da idade, da condição sócio-econômica, enfim, é o pertencimento a uma crença não deísta que faz aqui a diferença.

Identificação religiosa

A identificação religiosa já foi apresentada na parte metodológica deste trabalho, mas reproduzo aqui a distribuição dos pertencimentos religiosos. Foram 157 pessoas pesquisadas, sendo 96 (61%) de espíritas; 25 (16%) católicos; 24 evangélicos (15%); 9 espiritualistas (6%); 3 de outros (2%).

Os espiritualistas são aqueles que assinalaram a resposta *sem religião, mas espiritualizado* (acredita em Deus, mas não pertence a nenhuma religião). Estes afirmam

3 Teste T para amostras independentes: Sig. 0,000.

4 Teste do Qui-quadrado: Sig. 0,038.

terem crenças espirituais, embora sem identificação institucional religiosa. Os estudos dos sem religião reafirmam que aqueles que assim se identificam estão em redefinição de identidade. Eles se desvincularam

[...] de uma religião tradicional e afirmam sua crença com base em rearranjos pessoais; aqueles que passaram por diversos trânsitos, mas que não se encontram em nenhum deles; aqueles que mantêm uma espiritualidade leiga ou secular; aqueles que mantêm uma filiação fluida em razão da indisponibilidade de participação religiosa regular e aqueles que se definem como ateus ou agnósticos. (Teixeira, 2013).

Uma vez realizada essa caracterização geral, buscou-se identificar também, os trânsitos religiosos. Afinal, os espíritas o são em resultado a uma educação em família, ou tornaram-se ao longo da vida?

Transito religioso

A maioria (60% do total de pesquisados) dos respondentes realizou algum trânsito religioso, ou seja, tinha alguma religião prévia e, ao longo de sua vida, decidiu alterar seu conjunto de crenças passando a participar de uma nova instituição religiosa⁵. Entre os espíritas, o trânsito religioso foi muito superior ao dos não espíritas: no primeiro caso, 74% mudaram de religião ao longo da vida, contra 38% dos não espíritas (Sig. 0,000; teste Exato de Fisher).

Os trânsitos podem ser assim definidos:

1. O espiritismo era a religião de partida de apenas 3 respondentes: um deles tornou-se católico, um evangélico e um espiritualista. Por outro lado, agora há 71 espíritas (que fizeram alguma transição religiosa), sendo que, destes, 64 vieram do catolicismo, 2 eram espiritualistas e 4 eram de outras religiões.
2. O catolicismo era a religião de partida de 84 dos respondentes. Como visto no item 1, 64 destes se tornaram espíritas; 10 se tornaram evangélicos e 4 espiritualistas.
3. Igrejas evangélicas não foram o ponto de partida de nenhum dos entrevistados. No entanto, no momento da pesquisa, identificamos 12 trânsitos para algumas das igrejas evangélicas, advindos em 10 casos do catolicismo, 1 caso dos espíritas e 1 caso de outras religiões.

Vale ressaltar, como dito anteriormente, que os casos acima mencionados são apenas daqueles que fizeram algum trânsito religioso.

Participação institucional

No que tange à participação dos religiosos em suas instituições antes da pandemia, fica claro que temos dois grupos bastante atuantes. Enquanto os espíritas, em 87,3%

⁵ O trânsito religioso é afetado pela idade. Aqueles que o fizeram tem média etária de 52 anos, contra 47 daqueles que não fizeram (Teste T para Amostras Independentes. Sig. 0,005). Esse é o típico caso em que, apesar de identificarmos uma distinção significativa estatisticamente, ela parece significar pouco socialmente.

dos casos, estavam ao menos semanalmente em suas instituições religiosas antes da pandemia, os não espíritas tinham a mesma frequência em 70% dos casos (Sig. 0,023; Teste do Qui-quadrado). Aqui já se observa que mais espíritas comparecem às suas instituições semanalmente. No entanto, o que marca ainda mais essa diferença está em que, para esses, em 50% dos casos, a frequência era superior a um dia na semana (e inferior a todos os dias), o que só foi observado entre os não espíritas em 27,9% dos casos. No estudo de Franzolin (2020), verificou-se que 23,7% dos espíritas fazem parte de mais de centro espírita, aumentando ainda mais a percepção de uma intensa participação dos membros deste grupo religioso.

Importância da religião

Pela presença semanal dos pesquisados nas instituições, pode-se inferir o quanto a religião é importante para ambos os grupos. A questão sobre a importância da religião solicitava que o respondente atribuísse uma nota de 1 a 5, sendo 5 muito importante, de modo a expressar o quanto a religião era relevante para eles.

Na comparação entre espíritas e não espíritas⁶, os primeiros obtiveram média 4,8, contra 4,3 dos demais, sendo esta diferença estatisticamente significativa (Sig. 0,000; Teste T para amostras Independentes). Entretanto, o que fez a diferença nesse caso foi o quanto a religião é importante para os espiritualistas. Entre eles, a média de importância da religião foi de apenas 2,2, fazendo com que os não espíritas tivessem com um valor menor do que os espíritas. Católicos e evangélicos atingiram médias de 4,7 e 4,8, respectivamente, muito próximos (sem diferença estatística), portanto, dos espíritas.

Atividades privadas

Foram realizadas sete perguntas para identificar que tipos de atividades religiosas os pesquisados realizam em âmbito privado antes da pandemia. Vejamos cada uma delas, considerando que são pesquisados com alto nível educacional, com grande frequência às suas instituições religiosas e que atribuem uma alta importância da religião em suas vidas:

Orar em casa

Essa é uma das atividades mais realizadas pelos entrevistados. Em geral, espíritas e não espíritas têm um comportamento semelhante: em torno de 75% dos casos encontram-se entre os que oram frequentemente ou sempre (Sig. 0,718; Teste do Qui-quadrado).

⁶ Houve uma correlação positiva e significativa entre idade e a importância da religião (Correlação de Pearson: 0,202; Sig. 0,012). No entanto, como não houve diferenças significativas entre os grupos, ela não será objeto de maiores análises.

Ler livros religiosos

A leitura de livros religiosos se configura como segunda atividade religiosa mais realizada pelos espíritas em âmbito privado. Os livros são uma marca registrada do consumo doutrinário entre os espíritistas, tendo como referência as imensas contribuições de Francisco C. Xavier e Divaldo P. Franco que escreveram psicograficamente um número muito significativo de obras.

Quando comparados os dois grupos, a diferença é estatisticamente significativa entre eles. Enquanto os espíritas leem livros religiosos frequentemente ou sempre em 71% dos casos, o mesmo só ocorre em 38% dos casos entre os não espíritas (Sig. 0,002; Teste Qui-quadrado).

Estudar e orar em casa

Entre os espíritas há uma ênfase em se realizar os cultos no lar. Essa atividade tem o propósito, segundo os adeptos dessa religião, de melhorar o ambiente doméstico, além de criar uma proteção espiritual para todos os membros e para a residência. Há literatura, inclusive com mensagens espirituais, que encoraja os adeptos do espiritismo a que tenham o culto no lar como um hábito, o que significa, exatamente, a criação do hábito de se estudar e orar em família ao menos uma vez por semana.

No questionário não foi observado, entretanto, uma diferença estatística significativa entre espíritas e não espíritas neste item (Sig. 0,214; Teste do Qui-quadrado). Em torno de 22% dos respondentes, independente do grupo, fazem estudos e orações em casa sempre; 25% frequentemente e 24% às vezes.

Portanto, o estímulo interno no espiritismo não faz com que os espíritas estudem e orem mais com sua família do que os demais grupos religiosos.

Doações a campanhas não religiosas

Essa é a quarta atividade mais realizada pelos espíritas. Esse tipo de atividade contém duas características principais. O primeiro é o não comprometimento do doador com a causa em questão. Normalmente, você pode fazer a doação via telefone, pagando um boleto ou com cartão de crédito. Em geral, o doador não chega a conhecer a obra e seus beneficiados, senão por propagandas. Assim, há uma total impessoalidade nesse tipo de ação. No entanto, Godbout (1999) chama esse tipo de ação de dádiva moderna.

Segundo: nesses casos, não há um conteúdo religioso na atividade proposta, sendo estas, portanto, secularizadas. No nosso caso, não houve diferença significativa (estatística) entre espíritas e não espíritas nesse item, abarcando em torno de 40% dos respondentes (Sig. 0,056; Teste do Qui-quadrado).

Assistir palestras religiosas on-line

Os espíritas tinham, desde antes da pandemia, uma busca por palestras on-line (44,6%) bem maior que os não espíritas (30%) (Sig. 0,004; Teste do Qui-quadrado). O movimento espírita cresceu, nos últimos anos, tanto com os grandes eventos em que palestrantes destacados atraíam um grande número de adeptos para suas palestras e seminários, como também pela transmissão destes eventos pela internet. Assim, o público espírita beneficiou-se de poder acessar e assistir a conteúdos trazidos por esses expositores destacados. Esse é um fenômeno de antes da pandemia que apenas se manteve e se ampliou com a mesma.

Meditação

Um item que não consta nas práticas estimuladas e realizadas nos centros espíritas brasileiros é a prática da meditação. Esse tipo de atividade é, em geral, atribuído às práticas espiritualistas e às religiões de origem oriental. Entre os respondentes, essa prática obteve 30% de adesão, independente se eles eram espíritas ou não (Sig. 0,150; Teste do Qui-quadrado).

Visita fraterna a hospitais e casas assistenciais

Essa é a última atividade avaliada e a que menos os espíritas realizam (20,9%). Mesmo assim, praticamente o triplo dos espíritas realizam essas visitas, na comparação com os não espíritas (6,9%) (Sig. 0,038; Teste do Qui-quadrado).

Essa atividade havia sido inserida no questionário como um contraponto às doações e campanhas não religiosas, pois buscava-se expressar a forma como os espíritas realizam suas atividades de assistência social. O trabalho de Simões (2015) enfatiza a relevância desse tipo de ação para os espíritas, pois, para estes, ela configura uma forma de salvação. Entretanto, pelo baixo percentual de respostas obtidas nesse item, é possível supor que não foi esse o entendimento dos respondentes. Ao invés disso, o que terminou sendo mensurado foi o tipo, esporádico e assistemático, de visitas fraternas a doentes e a casas assistenciais. Essas são, de fato, minoritárias quando comparadas às ações sistemáticas de assistência social desenvolvidas pelas instituições espíritas, conforme também mostra Simões (2015).

De todo modo, vale aqui ressaltar que a ação indireta, sem maiores gastos de tempo e de envolvimento pessoal, vinha sendo preferida pelos espíritas antes da pandemia.

* * *

Como pode ser observado, os espíritas apresentaram algumas distinções em relação ao grupo controle: mais trânsito religioso, maior frequência às reuniões, mais leituras de livros religiosos, maior percentual de vídeos e palestras assistidos on-line e mais visitas

fraternas. Em parte, esse resultado se deve ao fato de o grupo controle não ser homogêneo, o que significa que, em alguns casos, se discriminados os resultados internos ao grupo controle, observar-se-ia, por exemplo, que a menor participação dos não religiosos se deve ao baixíssimo percentual de comparecimento dos espiritualistas às instituições, ou que, em um ou outro aspecto, os evangélicos ou católicos se sobressaíram aos espíritas. No entanto, o procedimento padrão, nesses casos, é tratar evidenciar a distinção entre espíritas e não espíritas, considerando cada grupo em particular.

O consolador

O Espiritismo se autodenomina o consolador prometido. Esse é, por exemplo, o título do capítulo 6 de *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (1999), terceiro livro que compõe a codificação kardequiana. Há dois significados para essa auto-atribuição. Por um lado, o espiritismo se considera o consolador prometido, conforme se encontra em João (14: 16)⁷. Por outro lado, exatamente por ser o consolador, o espiritismo traria não apenas uma compreensão dos sofrimentos humanos (tal como se encontra no capítulo 5 de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*), mas também um consolo para eles.

Assim, as três condições de consolação, já apresentadas no item *Metodologia*, são pré-requisitos para a consolação: que a pessoa tenha fé na vida após a morte, na justiça de Deus e no cumprimento dos preceitos morais cristãos. Em uma outra passagem, ratificando as anteriores lê-se: “Vem [o Espiritismo], finalmente, trazer a consolação suprema aos deserdados da Terra e a todos os que sofrem, atribuindo causa justa e fim útil a todas as dores” (capítulo 6, item 4; p. 128).

Diante dessas compreensões, questionou-se a respeito de se as demais religiões (catolicismo e evangélicos), ainda que com chaves interpretativas distintas, oferecem tanta consolação a seus adeptos quanto o espiritismo a seus membros, diante da pandemia. Isso supondo que os adeptos do espiritismo se sintam, de fato, consolados com os ensinados adquiridos com o estudo da doutrina espírita.

Para além das três condições consoladoras identificadas no *Evangelho...* foi incluído um quarto item, assim identificado: o poder de Deus. Essa expressão, que não consta no repertório espírita como um fator de consolação, e se aproxima do ideário principalmente evangélico, em que a fé em Deus, e no seu poder, são suficientes para a salvação das almas em qualquer contexto. Portanto, abria-se uma possibilidade alternativa de expressão do sentimento de consolação, independente daqueles observados entre os espíritas.

No primeiro item, pode-se observar que espíritas e não espíritas sentem-se igualmente consolados, embora por razões distintas, como se verá na sequência. Pouco mais de 80% dos adeptos de ambos os grupos responderam que têm na religião uma base de consolação (Teste do Qui-quadrado. Sig. 0,172). No entanto, as crenças na vida após a morte e na justiça divina distinguem os espíritas dos não espíritas. Enquanto os espíritas sentem-se consolados com essas duas noções em praticamente 90% dos casos,

7 João 14: 16 “E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre”.

entre os não espíritas o percentual de consolação fica entre 50% e 60% (vida após a morte, Teste do Qui-quadrado. Sig. 0,017; justiça divina, Teste do Qui-quadrado. Sig. 0,000). Portanto, esses são dois elementos fundamentais da consolação espírita que são observados de forma menos presente entre os não espíritas.

No entanto, em relação ao cumprimento dos mandamentos ou em outras palavras, da própria moral cristã, como vimos, fundamento para que as demais se cumpram, não há o mesmo efeito consolador. Nesse item só houve respostas para a opção consola um pouco (75% para espíritas e 89% para não espíritas; Teste do Qui-quadrado. Sig. 0,048) e, ainda assim, em percentual inferior as anteriores e inferior também ao percentual de não espíritas que se consolam um pouco com o cumprimento dos mandamentos. A despeito do efeito consolador do cumprimento dos mandamentos, é preciso considerar que aqui não se questionou se os adeptos das religiões os cumprem ou não, mas tão somente se a ação de dar cumprimento aos mesmos tem o efeito consolador. Por fim, o teste de significância ficou no limite da confiabilidade de 95%. Portanto, seria importante ter um número maior de casos para se verificar se, de fato, há uma distinção entre os dois grupos. Assim, esse não parece ser um elemento definidor de distinção entre espíritas e não espíritas.

Por fim, o poder de Deus que, de fato, não consta entre os ensinamentos kardequianos como fonte de consolação, foi mais observado pelos não espíritas (84%) do que pelos espíritas (44%; Teste do Qui-quadrado. Sig. 0,000). Esse resultado, diferente do anterior, já era esperado pelos pontos já assinalados anteriormente. O importante assinalar, conforme observado, é a igualdade na capacidade consoladora entre os dois grupos, tendo, cada um, suas bases particulares.

Religião e autonomia

Para saber como os entrevistados se comportam diante da pandemia, foram apresentadas algumas frases em que se devia, em dois conjuntos de sentenças, escolher a que mais correspondia ao seu posicionamento. Os sentidos das frases, ora creditavam a Deus a solução dos problemas da pandemia, ora creditavam ao indivíduo autonomia de ação ante os fatos, ou ainda, apresentavam uma alternativa, apresentando uma conciliação entre ação divina e a ação humana.

A frase que teve mais concordância, no geral, foi a que afirmava: senti que Deus estava trabalhando junto comigo para atravessar esse período, com 109 concordâncias (70% em 155 respondentes). Esse padrão de resposta foi semelhante para todos os religiosos estudados (Teste do Qui-quadrado: 0,126).

A segunda sentença com mais concordância foi pensei que a pandemia poderia me aproximar mais de Deus, com 66 concordâncias (42,3%). Quando comparados espíritas e não espíritas, os percentuais de concordância foram os mesmos (Teste Exato de Fisher: 0,388).

Uma terceira frase (apeguei-me aos ensinamentos e práticas da minha religião) foi apresentada para que o respondente indicasse se ela o representava integralmente (atribuindo 5 pontos) ou não o representava (indicando 1 ponto). Para todos os grupos

religiosos, a média foi de entre 3 e 4 pontos (Sig. 0,350; Teste T para amostras independentes). Então, os espíritas e demais religiosos se sentiram medianamente para mais contemplados com essa sentença.

O que essas sentenças querem dizer? Há, por parte dos religiosos cristãos, uma proximidade ou, ao menos, uma busca de aproximação com Deus propiciado por este momento de dificuldade. Vale observar que é preciso questionar qual a concepção de Deus (não explorada nessa pesquisa) já que o cumprimento dos mandamentos não teve tanta adesão e concordância quanto as demais sentenças que tratavam de Deus de forma mais abstrata, sem conceituar e especificar, exatamente, o seu significado.

De todo modo, é possível afirmar que um Deus punitivo (permitiu pandemia por causa dos nossos erros), assim como, uma total autonomia dos indivíduos (tentei lidar com a situação do meu jeito sem a ajuda de Deus) foram rejeitados pelos entrevistados. Por outro lado, um alheamento total do indivíduo, atribuindo a Deus a responsabilidade de resolução da questão (não tentei fazer muito, apenas acreditei que Deus tomaria conta disso), também não foi aceita.

Uma frase que chamou atenção, mesmo tendo uma concordância minoritária foi: pensei que algumas coisas estão além do controle divino, obtendo 9% de concordância no geral. O destaque, entretanto, está que somente 4% de não espíritas dão crédito a esta ideia, contra 10% dos espíritas (Teste do Qui-quadrado: 0,035), revelando, ainda que minoritariamente, ser possível encontrar em mais que o dobro de espíritas, em relação às outras religiões estudadas, uma mentalidade de que há algo que fuja ao controle ou à justiça de Deus.

* * *

Nesse item sobre consolação ficou claro que os espíritas: 1. se sentem tão consolados com sua religião quanto os não espíritas, embora por motivos distintos; 2. recorrem, seguindo o mesmo padrão e o mesmo recurso (a oração) para combater os males do isolamento social provocado pela pandemia; 3. por fim, também seguindo o mesmo padrão, a pandemia provocou – a) um sentimento de partilha com Deus deste momento difícil; b) uma busca de aproximação com Deus; c) e a, ainda que relativamente, um cumprimento, de forma mais rigorosa, dos preceitos religiosos. Como visto, esses padrões são próprios de grupos, espíritas e não espíritas, de religiosos que, de fato, se sentem muito religiosos, que têm alta frequência institucional e que já faziam uso de vários recursos religiosos antes da pandemia, em especial da oração.

Envolvimento comunitário

As perguntas sobre envolvimento comunitário durante a pandemia buscaram identificar se os religiosos utilizaram suas redes sociais como forma de amenizar os efeitos do isolamento social. Além disso, aproveitou-se o ensejo para incluir no conjunto de atividades realizadas durante a pandemia, algumas atividades que se supunha teriam

crescido neste período, como as atividades domésticas ou assistir filmes em geral. Buscou-se também contrapor atividades de cunho religioso com outras não religiosas.

Entre as dez atividades pesquisadas, em 5 delas, espíritas e não espíritas tiveram um mesmo comportamento (atividades domésticas, uso das redes sociais, ligar para os amigos, assistir filmes não religiosos e se afastar da instituição religiosa) e, nas outras 5, houve uma distinção no comportamento (realizar pequenos atos de solidariedade, assistir vídeos/palestras religiosos, ler livros religiosos, manter contato com membros da instituição religiosa e se engajar em trabalhos sociais).

No estudo de Franzolin (2020), observou-se que quando os espíritas buscam temas espíritas na internet, esta procura recai sobre uma grande lista de questões. Os três temas mais citados são as explicações espíritas (17,0%), os comentários de livros ou os livros para baixar (17,0%) e as mensagens espíritas (12,4%). Todo o enfoque é totalmente doutrinário, ou seja, a internet tem sido um suporte para que os espíritas ampliem seus conhecimentos sobre a própria doutrina, além de buscar as mensagens que, em geral, tenham um cunho de esclarecimento e consolação.

Os cinco casos de concordância já citados são aqueles que não contêm cunho religioso ou que contêm um sentido negativo em relação à religião, como afastar da instituição religiosa. Por outro lado, sempre que houve um sentido religioso, houve uma concordância entre os espíritas maior do que entre os não espíritas.

Figura 1 – Ações comunitárias, segundo espíritas e não espíritas

	Espírita	Não espírita	Sig.
Realizar pequenos atos de solidariedade	82,6%	62,7%	0,020
Atividades domésticas	76,7%	82,8%	0,145
Assistir vídeos / palestras religiosas	73,6%	37,7%	0,000
Usar as redes sociais	64,4%	55,9%	0,390
Ligar para os amigos	51,6%	47,5%	0,132
Ler livros religiosos	47,7%	26,3%	0,002
Assistir filmes não religiosos	44,9%	46,6%	0,929
Manter contato com membros da instituição religiosa	44,3%	13,8%	0,000
Engajar-se em trabalhos sociais	38,6%	14,3%	0,000
Afastar-se da instituição religiosa	9,5%	7,3%	0,837

Fonte: elaboração do autor (2021).

Duas atividades, entre as cinco distintivas, no entanto, podem não ter um sentido religioso explícito, mas contêm uma importância muito grande dentro da cosmologia espírita. Trata-se das duas formas mensuradas de atividades sociais, a saber: realizar pequenos atos de solidariedade e engajar-se em trabalhos sociais. Nesses dois casos, o lema fora da caridade não há salvação, muito utilizado entre os espíritas para a realização de seus atos de assistência social, prevalece de modo a tornar ambas as atividades mais frequentes do que entre os não espíritas, mesmo em tempos de isolamento. O contexto isolacionista, no entanto, acarreta que essa caridade seja efetivada mais como

atos pequenos do que em um engajamento propriamente dito. Para além disso, palestras on-line, livros religiosos e os membros da comunidade religiosa, nesta ordem, fazem com que os espíritas tenham uma busca por recursos religiosos superior aos não espíritas.

Considerações finais

Os espíritas já apresentavam um padrão de ações e consumo religioso distinto do grupo controle desde antes de iniciar a pandemia. Ao terem que lidar com o isolamento social e as dificuldades decorrentes da pandemia, como vivenciar o adoecimento e até o falecimento de pessoas próximas e familiares, cada um dos grupos estudados recorre a razões de consolação distintos, embora, no geral, 8 em cada 10 religiosos tenha na religião um motivo de consolação. Enquanto os espíritas recorrem às explicações relativas à vida após a morte e à justiça divina; os não espíritas voltam-se para o cumprimento dos mandamentos e para o poder de Deus.

Entre pessoas muito religiosas, como as entrevistadas, a pandemia aumentou o sentido de proximidade com Deus e de necessidade de cumprimento dos mandamentos, independente de serem ou não espíritas. Durante a pandemia e, principalmente, no tempo que a pesquisa foi realizada, quando ainda havia muito isolamento social, os espíritas recorreram não só a mais ações religiosas, como ler livros religiosos ou assistir vídeos e palestras religiosas, como a mais ações de solidariedade social.

Assim, a partir de dois grupos de religiosos, é possível observar características distintivas por parte dos espíritas em relação aos demais. As diferenças observadas são tanto sutis, como por exemplo, justificativas religiosas para a consolação diante da pandemia, quanto mais pronunciadas, como todas as observações contidas no envolvimento comunitário. Assim, do que foi possível observar, os espíritas têm passado pela pandemia com mais apoio religioso, realizando mais atividades de solidariedade social e sentindo-se compartilhando com o Criador as dificuldades enfrentadas.

Referências

CAMARGO, Cândido P. F. Kardecismo e Umbanda. São Paulo: Pioneira, 1961.

CAMURÇA, Marcelo A. A realidade das religiões no Brasil no Censo do IBGE-2000. In: Faustino Teixeira; Renata Menezes. (Org.). As Religiões no Brasil: continuidades e rupturas. Petropolis: Vozes, 2006, v. , pp. 07-264.

DATAFOLHA. Cara típica do evangélico brasileiro é feminina e negra, 13 de janeiro de 2020.

DURKHEIM, E. As Formas Elementares da Vida Religiosa. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FARIAS, L. A. et. al. Tão ricos e tão escolarizados? O perfil sociodemográfico dos espíritas no Brasil. Campinas: SP; Núcleo de Estudos de População Elza Berquó / Unicamp, 2017.

FRAGA, A. A., FRANÇA, J. S., AQUINO, T. A. A. Validação da Escala de Atitude Religiosa. Sessão de pôster apresentado no I Congresso Brasileiro de Psicologia: Ciência e Profissão, São Paulo, setembro, 2002.

FRANZOLIN, I. Pesquisa para Espíritas. acessado em: <http://franzolim.blogspot.com/>, em 23 de novembro de 2020.

GIUMBELLI, E. O cuidado dos mortos. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.

GODBOUT, J. T. O espírito da Dádiva. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

KARDEC, Allan. O Evangelho Segundo o Espiritismo. Brasília: FEB, 1999.

Ministério da Saúde. Portal. <https://www.gov.br/saude/pt-br>. acessado em 13.11.2020

PANZINI, R. G. Escala de Coping Religioso-Espiritual (Escala CRE). Tradução, adaptação e validação da escala RCOPE, abordando relações com saúde e qualidade de vida. Rio Grande do Sul: UFGR, 2004. [Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia].

PIERUCCI, Antônio Flávio e MARIANO, Ricardo. Sociologia da Religião, uma sociologia da mudança. In: Carlos Benedito Martins (Coord. Geral). Sociologia. São Paulo: ANPOCS, 2010.

SCHIMIDT, B. et. al. Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19). *Estud. psicol. (Campinas)* v.37, Campinas, 2020.

SIMÕES, Pedro. *Dá-me de comer: a assistência social espírita*. São Paulo: CCDPE/LHIPE, 2015.

SIMÕES, Pedro, SOUZA, André Ricardo de, e ARRIBAS, Célia. *Feições Expressivas do movimento espírita brasileiro*. In: André Ricardo de Souza e Pedro Simões (Orgs.). *Dimensões Identitárias e Assistenciais do Espiritismo*. Curitiba: Appris, 2020.

SOUZA, André Ricardo de. *O Espiritismo na pluralidade cristã brasileira*. In: André Ricardo de Souza e Pedro Simões (Orgs.). *Dimensões Identitárias e Assistenciais do Espiritismo*. Curitiba: Appris, 2020.

TEIXEIRA, Faustino. O Censo de 2010 e as religiões no Brasil: esboço de apresentação. In: Faustino Teixeira e Renata Menezes (Orgs.). *Religiões em Movimento*. Petrópolis: Vozes, 2013.

VILLAÇA, Helena. Notas de pesquisa para o estudo dos grupos religiosos minoritários em Portugal. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*. n. 7, janeiro, 1997. pp. 31-52.

Submetido em: 08/02/2022

Aprovado em: 21/11/2022

Editor responsável: Fábio L. Stern